

Tipo de Pesca no Nordeste

A MOITA

A pesca no Nordeste ainda é praticada do modo mais primitivo. Especialmente no interior, o homem desconhece outros meios que não os facultados pelas circunstâncias, processos revelados pelo acaso e transmitidos pela experiência. Não há uma indústria organizada nem mesmo no litoral onde quase só as colônias de jangadeiros emprestam às praias o pitoresco e o dramático de sua paisagem e de sua gente.

Uma riqueza formidável perde-se nos "mares bravios" à míngua de um sistema de pesca menos rudimentar.

Nos rios, nos trechos que ainda resistem cheios no verão, as pescarias de tarrafa são comuns. O caboclo, torso nu, chapéu de abas grandes e uru a tiracolo, percruta os mistérios, que para ele são poucos, do fundo das águas e lança sobre um alvo invisível o círculo de malhas. A tarrafa se contorce no ar pelo impulso dos músculos vigorosos e adere à água num mergulho profundo, até ser recolhida, daí a pouco e em movimentos calmos, para que o seu conteúdo não escape ao menor descuido.

Os anzóis também são muito usados, desde os de menor tamanho — para piaba, até aos grandes, para traíra. Pelas ribanceiras dos rios, na parede dos açudes, nas pequenas "croas" as varetas finas de marmeleiro sustentam as linhas que capturam no fundo acarás ou pias. Nas furnas dos rochedos que vão alorando enquanto a água baixa de nível, a pesca é sem instrumentos, percorrendo as mãos os estreitos labirintos que a água ainda oculta e trazendo das "locas" cangatis ou pitus; às vezes voltando vazias e laceradas.

Nas "cheias" — quando os rios transbordam, fazem-se "tapagens" que consistem num emaranhado de ramos verdes que diminuem a correnteza e vedam a passagem dos peixes que a água arrasta. É um recurso ocasional que só vale nessa circunstância. Posteriormente as águas serenam e a pesca se dá nos açudes e nas lagoas obedecendo a um rigor técnico cheio de apuro. Então empregam-se grandes rédes que partem de duas extremidades e vão-se aproximando até imprensarem os cardumes em u'a manga extensa, dentro da qual os pescadores, munidos de tarrafas, fazem lances porfiosos. Para o trabalho de instalação das rédes usam-se cavaletes improvisados com troncos de bananeira sobre cujo dorso cavalgam os pescadores, ou balsas de troncos de mulungu, madeira fibrosa e leve. O produto vai sendo recolhido em enormes cabaças de bôca estreita que bóiam com facilidade e ficam próximas aos seus donos, prêsas à cintura dos mesmos por uma embira de alguns metros.

Quando o verão se acentua o peixe melhor vai rareando e as espécies antes relegadas têm aproveitamento. No fastígio a preferência se destina aos pias, às curimatãs, curimãs ou carapebas; agora, a escolha se torna menos exigente e qualquer bico-doce, bodó ou muçu tem a sua importância. Daí, a cena que aqui se inclui da pesca em "moita", que passamos a descrever.

As águas estão rasas e os pescadores podem andar por muitos trechos onde o nível lhes toca a cintura e, sob os pés, a lama e o lodo são densos. É então escolhido o local propício à instalação da moita. Troncos apodrecidos, garranchos e fôlhas são trazidos para aí e amontoados até formarem um balseiro inextricável. Tem-se assim um depósito onde se refugiam do calor da água que se aquece sempre mais, as sovelas, os bodós, acarás, etc., além de enorme reserva alimentícia que irá atrair os peixes escassos a esse abrigo "sui generis". Os pescadores se alastam para outras tarefas, ou instalam outras moitas em pontos diferentes. E, fica a moita a receber hóspedes durante vários dias.

No prazo conveniente os pescadores voltam e com a cautela de um artífice nos retoques finais de seu trabalho, cercam a moita com suas tarrafas, esticando-as sobre estacas bem fincadas na lama. Os peixes ficam impedidos de sair. Metade dos homens passa para dentro e, alguns momentos depois, o material da engenhosa armadilha está transferido para outro lugar. Começa a colheita dos peixes que borbulham entre as tarrafas aturdidos pela precipitação da lama revolvida, acuados no espaço líquido desobstruído mas limitado pelas paredes improvisadas. Os homens utilizam seus landuás de malhas pequenas e fio grosso, de formas circulares, removendo da água para os urus as valiosas prêsas.

BARBOZA LEITE

